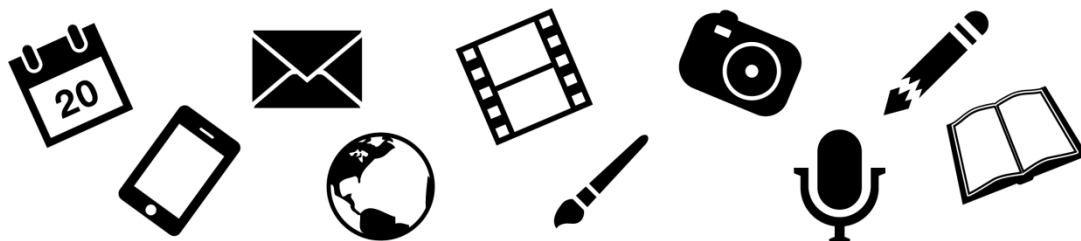




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

27 e 28 de junho de 2015

Diário Catarinense (27/06)

Anexo

"Bife de fígado"

Bife de fígado / Livros / Vestibular / UFSC / Livros & Livros

THIAGO MOMM



A lista de livros do vestibular da UFSC deste ano é como bife de fígado obrigatório.

ANEXO CULT

Bife de fígado

Antônio Prata freia para não atropelar um casal adolescente. Ele se irrita porque os dois estavam confiantes demais de caminhar na velocidade certa. Depois, reflete: "Percebo então que quem atravessou a rua à minha frente não foi um casal de adolescentes, foi a adolescência em si. E quem freou o carro não fui eu, mas a idade adulta. Pois é assim que a adolescência lida com o mundo". Os mais novos obrigam a realidade a se adaptar, enquanto ele, diminuindo o ritmo, se percebe "velho, adequado, apascentado".

Lembro dessa crônica em contraste com os livros que caem no próximo vestibular da UFSC: *O Cortiço* (Aluísio Azevedo), *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector), *Além do Ponto e Outros Contos* (Caio Fernando Abreu), *A Majestade do Xingu* (Moacyr Scliar), *Poesia Marginal* (vários autores), *O Santo e a Porca* (Ariano Suassuna), *O Fantástico na Ilha de Santa Catarina* (Franklin Cascaes) e *Várias Histórias* (Machado de Assis).

O que apela mais para um adolescente, os textos do Prata filho ou essa lista intransigente, esse eterno idealismo saindo pela culatra? Na lista, a gente sabe, está o Brasil profundo, engajado ou histórico e menos conhecido dos alunos. O debate, no entanto, não deve ser sobre a qualidade da lista, mas a sua pertinência. Referências distantes, poesias imperscrutáveis, boa literatura que para iniciantes soa literatice. O aluno já predisposto a ler acaba encarando, a maioria dos outros apela aos resumos. Para esses, que retrogosto literário fica? Talvez de bife de fígado obrigatório. Talvez algo tão relevante quanto são hoje, para mim, ligações covalentes da química orgânica.

Em 2011 caiu na UFSC *O Filho Eterno*, um dos melhores romances brasileiros do século 21, a multipremiada história de Cristóvão Tezza sobre sua relação com o filho com síndrome de Down, e *Comédias* para se ler na escola, um Veríssimo potente para a conversão de infelís. Mas foram só esses dois livros, e no ano seguinte a lista voltou à chatice habitual. A prioridade são autores antigos, depois autores novos cinzentos, depois os livros menos simpáticos dos autores novos interessantes. É como se fosse a lista de uma disciplina universitária de literatura, não do vestibular.

Não entendo. Quem decide isso não conhece ninguém fora das Letras? Nunca ouviu um amigo (um leitor eventual) devolver rápido um Caco Barcellos ou um John Fante querendo mais? Aliás, não seria coerente com os tempos incluir escritores de outros países? E um livro de crônicas do Antônio Prata? Não estou dizendo que essas sugestões todas façam milagres pela leitura, mas sem dúvida deixam um retrogosto melhor.

Descontos

As promoções seguem piorando as compras compulsivas de livros. A amazon.com.br está dando até 70% em títulos da Cosac Naify (mas o desconto em geral é menor e os ótimos livros não são tantos assim); a Livraria Cultura está com uma feira virtual de preços entre R\$ 5 e R\$ 40 mas oferta um tanto anárquica; e a Livros & Livros da UFSC está terminando de torrar opções excelentes da Companhia das Letras com até 50%.

Notícias do Dia Cidade

“Retirada de cascas deve ser antecipada”

Retirada de cascas deve ser antecipada / Associação Caminhos do Berbigão / ICMBio / Instituto Chico Mendes da Biodiversidade / Resex / Reserva Extrativista do Pirajubaé / Florianópolis / Regeneração / Baía Sul / Berbigão / Laboratório de Aquicultura / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Epagri / Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina

BERBIGÃO

Retirada de cascas deve ser antecipada

Ainda não está definida a data para início, mas integrantes da Associação Caminhos do Berbigão e técnicos do ICMBio (Instituto Chico Mendes da Biodiversidade) que atuam na Resex (Reserva Extrativista) do Pirajubaé, em Florianópolis, pretendem antecipar as ações de regeneração das áreas da baía sul atingidas desde novembro de 2014 por altas taxas de mortalidade de berbigão. A estratégia é delimitar duas áreas nos 700 hectares na croa localizada entre a foz do rio Tavares e a Base Aérea para

retirada dos cascalhos em pequenas embarcações. O trabalho será realizado pelos próprios extrativistas, e a remuneração, possivelmente, bancada por entidade internacional do terceiro setor.

“Estamos em tratativa com uma ONG [organização não governamental]”, explica Fabrício Gonçalves, 36, presidente da Associação Caminhos do Berbigão. A preocupação dele é com a sobrevivência da comunidade. O ciclo reprodutivo varia entre seis e oito meses em períodos de pouca chuva.

O projeto de regeneração das áreas produtivas da baía prevê repovoamento com sementes produzidas em laboratório de aquicultura da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), em Sambaqui. Parecer do agrônomo Alex Alves dos Santos, da Epagri/SC (Empresa de Pesquisa Agropecuária de Santa Catarina) admite a necessidade de análises específicas, mas indícios apontam para excesso de chuva, cata predatória e adensamento do fundo por sedimentos levados pelos rios que deságuam na baía.



Diário Catarinense (27/06)

De olho nas ruas

"Mistério no mar"

Mistério no mar / Jubarte / Praia da Armação / Baleias / Sul da Ilha / Santa Catarina / UFSC / Carolina Bezamat



DE OLHO NAS RUAS

@ E-mail guto.kuerten@diario.com.br

Blog www.diario.com.br/deolhonasruas

GUTO KUERTEN



MISTÉRIO NO MAR

Foram necessários profissionais de cinco entidades ambientais e de limpeza para resgatar ontem o corpo de um filhote de jubarte, avistado quinta-feira na praia da Armação, antigo reduto de caça de baleias no sul da Ilha de Santa Catarina. Pesquisadora da UFSC, a bióloga Carolina Bezamat estima que o animal tenha um ano. Foram coletados esqueleto e órgãos para apurar a causa da morte do mamífero.

Notícias do Dia Saúde

“Volta do protagonismo materno”

Volta do protagonismo materno / Parto humanizado / Rede Cegonha / Ministério da Saúde / Congresso Nacional de Parto Humanizado / Florianópolis / SUS / Hospital Universitário / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Roxana Knobel / HU / Cesariana / Maria Esther de Albuquerque Vilela / MEC / Ministério da Educação

Saúde

EDITORA: Roberta Kremer roberta.kremer@noticiasodia.com.br @ND_Online

“
Não que a cesárea desqualifique a maternidade, eu não sou contra, mas a opção dos pais deve ser respeitada.”

Franciane de Mello Braglia, Mãe de primeira viagem, à espera de João



Escolha. Cada vez mais mulheres lutam pelo direito de decidir os passos do parto

Volta do protagonismo materno

Parto humanizado. Congresso na Capital trata do desafio de disseminar o conceito no país

LETÍCIA MATHIAS
leticiam@noticiasodia.com.br
@leticiam_ND

Quando João tiver cinco anos, o assunto parto humanizado já deve estar mais esclarecido e com práticas efetivas nas maternidades e hospitais do país. Pelo menos é o que espera a coordenadora da Rede Cegonha, do Ministério da Saúde. O conceito, debatido no 1º Congresso Nacional de Parto Humanizado, que se encerrou nessa sexta-feira em Florianópolis, visa deixar a mulher informada sobre todas as possibilidades de um parto para que sua decisão seja pessoal e consciente, e não imposta por ninguém.

João ainda está na barriga e só deve nascer em setembro, quando a sua mãe, Franciane de Mello Braglia – que experimenta a maternidade pela primeira vez –, completa o ciclo da gestação. Se tudo correr como idealizado pela família, ele vai nascer de parto natural, mas, se houver necessidade, sua mãe está preparada para a intervenção cirúrgica. O que ela quer é o direito de escolher o melhor para o filho e para sua saúde – e ter a segurança de que terá todo o apoio necessário de que eles precisarem.

Antes de engravidar, quando ouvia o termo “parto humanizado”, a mãe de João logo lembrava do parto da modelo Gisele Bündchen, que ficou famoso por ter sido feito em casa, em uma banheira, por um método diferente do tradicional, acompanhado por uma enfermeira obstetra, a parteira Mayra Calvette. Mas há seis meses, quando descobriu a gravidez, ela passou a buscar mais informações sobre o assunto e viu que o parto humanizado vai muito além de um nascimento fora do hospital, com acompanhamento de uma doula, profissional que dá suporte físico e emocional à gestante. O parto humanizado pode acontecer em casa ou no hospital, na rede privada ou pública. A proposta é que a mulher e o bebê tenham atendimento respeitoso, digno e com a mãe como protagonista nesse processo.

Profissionais precisam ser preparados

Desde 2011, a Rede Cegonha, um projeto do Ministério da Saúde estendido aos Estados e municípios, promove a conscientização do atendimento humanizado. Em Santa Catarina, o trabalho começou em 2012 e tem como principal objetivo garantir o acesso de qualidade e atenção ao parto e nascimento com início já no pré-natal, considerado o alicerce de todo processo, além do acompanhamento pós-parto nos postos de saúde.

Além disso, o programa tem como um dos principais objetivos preparar melhor os profissionais. A estrutura física é um trabalho ainda mais penoso. Carmen Regina Delzorio, que integra a rede desde o início, reconhece que a estrutura atual dos hospitais públicos do Estado não tem locais adequados para trabalhos de parto. Mas diz que não adianta ter espaço e não ter profissional humanizado.

Para que as práticas funcionem, a rede tem um trabalho de monitoramento e um grupo de discussão nas maternidades e hospitais para estabelecer metas de rotina. Segundo Carmen, a proposta é que se consolide o modelo do cuidado, por isso há tantos enfermeiros obstetras envolvidos neste processo. Ela explica que o médico intervém e a enfermagem



Preparação. Franciane já escolheu a equipe que vai ajudá-la a dar à luz João

cuida, cada um tem seu papel. E que a maior vitória até agora foi a abertura para o diálogo.

Para Franciane, mãe de João, a discussão é válida para reflexão: “O Estado, como política de saúde, deve mesmo trazer estatísticas e informação para que as famílias possam ser orientadas e optar, mas não dizer o que ou não fazer. Cada experiência é individual”. Ela preferiu o parto normal porque nunca passou por cirurgia e não pretende passar, e tem histórico familiar da mãe, avó e tias de

parto natural. Porém, ao procurar os médicos do plano de saúde, ouviu em diferentes consultórios: “não faço mais parto normal”.

Com receio de não ter um bom atendimento nos hospitais e maternidades da rede do SUS, ela optou pelo atendimento particular fora do plano de saúde. “Acho que tenho condições, que encaro o natural e seria uma forma menos traumática. Não que a cesárea desqualifique a maternidade, eu não sou contra, mas a opção dos pais deve ser respeitada”, afirma.

ENTREVISTA

Maria Esther de Albuquerque Vilela – médica ginecologista, coordenadora do programa Rede Cegonha e da área técnica da saúde da mulher do Ministério da Saúde

Decisão pela cesariana

66% das mulheres preferiram o parto normal no início da gravidez

28% das mulheres preferiram uma cesariana no início da gravidez

6% não apresentaram preferência por via de parto

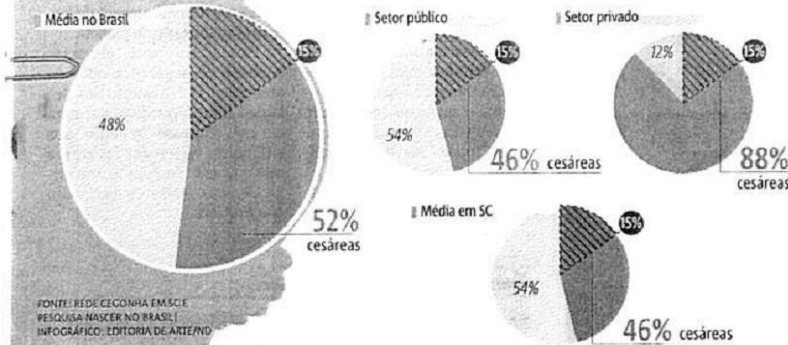
O principal motivo apontado pelas mães entrevistadas para escolha da cesariana foi o **medo da dor do parto** (69% na rede privada e 82,7% na rede pública). Depois, os principais motivos são relatos de amigos, família e comodidade ou problemas de saúde.

Quem prefere o parto normal tem como principal motivo a **"melhor recuperação"** (76% na rede privada e 72% na rede pública). Depois, os principais motivos são relatos da família e amigos e medo de cesárea

Menos de 5% das mulheres usaram práticas recomendadas pela OMS para assistência adequada ao trabalho de parto

Proporção de cesarianas e partos normais no Brasil

Legenda:
■ Cesáreas ■ Partos normais
▨ Máximo recomendado pela OMS (15%)



Quais os principais desafios na rede pública, de estrutura e profissionais, quando se fala em um novo modelo e o parto humanizado?

Estamos falando em mudança de paradigma e é uma coisa grande, mudança de cultura, passa pela ressignificação do que é parto, nascimento e cuidado. É preciso mudar o olhar para ressignificar o cuidado, este é o foco. O modelo que estamos vivendo foi construído há décadas, e os hospitais se conformaram com esse paradigma, com parto centrado na intervenção. A hospitalização do parto acontece desde o início do século passado, antes tínhamos muitos partos domiciliares e parteiras. O parto acompanhou esse movimento da tecnocracia e industrialização, entrou no rol de procedimentos médicos e sofre esse tratamento como se fosse doença, com intervenção médica e a mulher como um corpo imperfeito.

Qual a importância dessa discussão nas universidades?

Sem isso não mudariam. É um trabalho fundamental e estamos, nesse momento, concentrando forças na mudança de ensino em obstetria. Não é o ministério que faz sozinho, é o MEC [Ministério da Educação] junto com saúde e sociedade. A partir de 2004, a cesariana teve crescimento exponencial e entres os motivos e a formação médica também está cada vez mais desviada para a questão da intervenção e cesariana. Cada vez menos médicos se dedicam, pelo próprio modelo econômico de prestação de serviços. Os médicos cada vez mais estão direcionados à cesariana como melhor modo de resolver a questão do parto, por comodidade, pelo modelo de financiamento e modelo do setor privado centrado em um só profissional.

O que é preciso melhorar neste processo?

São duas experiências ruins: o privado [voltado para] cesariana e um modelo de financiamento e mercado, e o público com modelo de assistência. Mas um normal que não respeita evidências científicas, como a episiotomia (corte feito com a justificativa de que facilita a passagem da cabeça da criança), que não foi estudada com metodologias científicas robustas, um procedimento que hoje não serve para nada. No setor público, há necessidade de melhor investimento no sentido de assistência. O modo tradicional violenta mulheres, restringe e negligência direitos e traz muita insatisfação com a experiência do parto.

Em quanto tempo seria possível chegar ao mais próximo do ideal?

O mundo está acelerado. A consciência do ajustamento materno precisou de 20 anos para mudar, mas se pensar no parto hoje, pela velocidade de informações e articulação das pessoas, vamos levar menos tempo, já está acontecendo. Em mais uns cinco anos teremos um cenário muito diferente do que temos agora. Existe um esgotamento desse modelo.

Há alguma região de destaque no país com relação ao parto humanizado? Como Santa Catarina está nesse processo?

Pela pesquisa Nascer no Brasil, o Sudeste é a região que mais se destacou em termo de indicadores de melhores práticas. Santa Catarina está em movimento, pactuou a Rede Cegonha, é um Estado que tem, de certa forma, homogeneidade na decisão política pela mudança do modelo de atenção. Os municípios estão em processo de integração.

Pelo SUS, é possível

O Hospital Universitário da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) é referência em Santa Catarina quando o assunto é parto humanizado. Desde o início do trabalho da maternidade dentro do hospital, foi implantada uma política de humanização no nascimento, com o objetivo de atender as mulheres e bebês baseado nas melhores evidências disponíveis. O tema passou a ser enfatizado a partir de 2009, quando o programa entrou na grade curricular do curso.

A médica obstetra, doutora em ciências médicas e professora da UFSC Roxana Knobel diz que há práticas feitas há anos sem estudos que comprovem que é o melhor para a mãe e o bebê, e a proposta aos residentes do HU é um trabalho com menos intervenções possíveis. A jornalista Sílvia Oliveira Medeiros, 28, foi surpreendida pelo tratamento que teve no HU. No dia do parto, realizado totalmente pelo SUS, teve seu espaço respeitado, uma enfermeira a acompanhou durante as quase sete horas de trabalho de parto, teve opções de movimentos e massagens que minimizassem a dor e deu à luz fora do leito comum, de cócoras, como se sentia mais confortável.

O modelo de cesariana é defendido no parto humanizado quando há complicações para que o parto seja natural – não no habitual agendamento. Monique Lorenzon, 39, é mãe há nove meses e idealizou um parto natural no hospital. Quería que o bebê nascesse de forma natural, mas, como teve dificuldade com a dilatação, depois de quase 21 horas em trabalho de parto, recebeu o alerta da médica. E optou pela cesárea. "Quando se fala em parto humanizado, logo se pensa no parto normal, mas a cesárea pode ser humanizada também e foi o que aconteceu comigo", concluiu.



Tranquilidade. Sílvia foi surpreendida com tratamento humanizado no HU.



Plano B. Monique sonhava com parto natural, mas precisou de cesárea

Diário Catarinense (28/06)

Diário do Leitor

"UFSC"

UFSC / Segurança / Eugênio Moretzsohn

UFSC

Os problemas de segurança na UFSC não são novos: desde 1985, quando aqui aportei, já ouvia falar sobre calouros que tinham roubadas suas famosas HPs (calculadoras científicas), repassadas depois a receptores que as revendiam a maus cidadãos, sempre prontos a adquirir itens sem origem por serem mais baratos. Os problemas se agravaram por culpa de três comportamentos típicos dos acadêmicos: elevado consumo de drogas, negligência com medidas básicas de autoproteção e rejeição às providências de segurança institucionais, erroneamente tratadas como repressoras. É necessária a criação de uma unidade de contrainteligência que desenvolva um programa moderno de educação de segurança voltado ao público interno, motivando-o a tratar do assunto sem ranços autoritários; a eleição de um comitê que crie um canal anônimo para a denúncia de irregularidades; a aplicação do patrulhamento velado e discreto por agentes disfarçados e a intensificação da presença e da ronda dos agentes fardados nos locais e horários críticos certamente já mapeados. A contrainteligência também educaria os pesquisadores e seus auxiliares sobre a necessidade de medidas de proteção contra os

vazamentos de informação, protegendo o valioso conhecimento gerado nos centros de pesquisa.

EUGÊNIO MORETZSOHN

Especialista em segurança - Florianópolis